



Maurício Canêdo Pinheiro

Professor associado da FCE/Uerj. Doutor em economia pela FGV EPGE

Vivendo e não aprendendo

No último dia 2 de abril, o presidente Donald Trump promoveu o que ele mesmo denominou Dia da Libertação. Na prática, houve um aumento substancial e disseminado das tarifas de importação. Nos dias posteriores, houve vários desdobramentos, com a suspensão por 90 dias de determinadas tarifas recíprocas para a maioria dos países e a escalada de uma guerra tarifária com a China. Não seria surpresa que novas reviravoltas acontecessem entre a escrita deste artigo e sua publicação. À parte dos efeitos negativos que comentarei a seguir, toda a incerteza associada às idas e vindas do processo por si só deve causar (e tem causado) impactos negativos na economia dos Estados Unidos (e mundial).

No curto prazo, espera-se aumento da inflação e redução no nível de atividade. É o efeito mais óbvio das medidas. Do ponto de vista macroeconômico, países em que o investimento é maior do que a poupança doméstica, como o caso norte-americano, necessariamente são financiados pelo resto do mundo, ou seja, geram déficit externo. Aumentar as tarifas de importação irá reduzir as importações. No entanto, mantida a

lacuna entre investimento e poupança doméstica, as exportações também terão que cair para compensar esta diferença. Em outras palavras, se o Dia da Libertação faz alusão ao déficit comercial (como deu a entender o presidente Donald Trump), não me parece que os Estados Unidos serão completamente libertados, a menos que também reduzam o investimento (ou o consumo).

No longo prazo, como os Estados Unidos são um mercado muito grande, é possível que determinadas indústrias resolvam voltar a produzir em território norte-americano. A propósito, boa parte da política industrial brasileira atingiu o objetivo de atrair determinados setores para produzir domesticamente. No entanto, assim como no Brasil, espera-se também perda de bem-estar dos consumidores, pelo aumento permanente dos preços dos bens de consumo, assim como aumento da ineficiência produtiva, por conta de altas nos preços de bens intermediários e de capital. Não há motivos para acreditar que será diferente no caso dos Estados Unidos.

Por fim, um efeito negativo pouco comentado diz respeito à discriciona-



ridade da política.¹ Obviamente, governos em todos os países do mundo estão sujeitos à pressão de grupos organizados. No entanto, quanto mais discricionárias as políticas protecionistas (ou as políticas públicas em geral), maior o espaço para grupos de interesse organizados negociarem melhores condições para seus membros. Nesse sentido, além de ineficiência econômica, tais arranjos também tendem a aumentar a incidência de corrupção.

A este respeito, os economistas James Giesecke e Robert Waschik fazem uma série de exercícios de simulação interessantes.² Resumidamente, em todos os cenários simulados, o PIB real dos Estados Unidos cai, por conta das profundas perdas de emprego no curto prazo, da contração do estoque de capital no longo prazo e de perdas persistentes de eficiência alocativa. E os resultados se mostram ainda piores se os demais países em alguma medida retaliarem o aumento de tarifas norte-americano (o que é bastante provável). A propósito, em outro artigo, Anna Ignatenko e diversos coautores calculam que mesmo os ganhos em termos de arrecadação e empregos seriam substancialmente diluídos em um cenário de retaliação.³ Note-se que em ambos os casos não são considerados os efeitos negativos do aumento da incerteza econômica, o que tornaria ainda mais relevantes os impactos negativos do Dia da Libertação.⁴

Os brasileiros conhecem muito bem o panorama descrito acima. Eu mesmo tenho escrito há alguns anos – inclusive neste espaço – sobre os efeitos negativos de políticas industriais

No entanto, quanto mais
discricionárias as políticas
protecionistas, maior o
espaço para grupos de
interesse organizados
negociarem melhores
condições para seus membros

que implicam proteção demasiada do mercado doméstico. Infelizmente, não temos aprendido com os nossos próprios erros. Aparentemente, os Estados Unidos também não aprenderam conosco. ■

¹Para uma exceção ver o artigo “The U.S. economy is for sale”, de autoria de Fareed Zakaria, publicado na edição de 11 de abril de 2025 do jornal *Washington Post*.

²Ver GIESECKE, J.; WASCHIK, R. Economic Analysis of U.S. Tariffs Introduced Over March-April 2025. *Centre of Policy Studies Working Paper*, n. G-352, Victoria University, 2025. Disponível em: <https://mail.copsmodels.com/ftp/workpapr/g-352.pdf>.

³Ver IGNATENKO, A.; LASHKARIPOUR, A.; MACEDONI, L.; SIMONOVSKA, I. Making America Great Again? The Economic Impacts of Liberation Day Tariffs. *Discussion Paper Series in Economics*, n. 11/2025. Norwegian School of Economics, Department of Economics. 2025. Disponível em: https://alashkar.pages.iu.edu/ILMS_tariff_analysis.pdf.

⁴Ver também as simulações feitas pelo Center for Strategic and International Studies, que chegaram a resultados similares. Estão disponíveis em: <https://www.csis.org/analysis/economic-consequences-liberation-day-tariffs>.

*Maurício Canêdo Pinheiro
escreve a cada bimestre.*

